

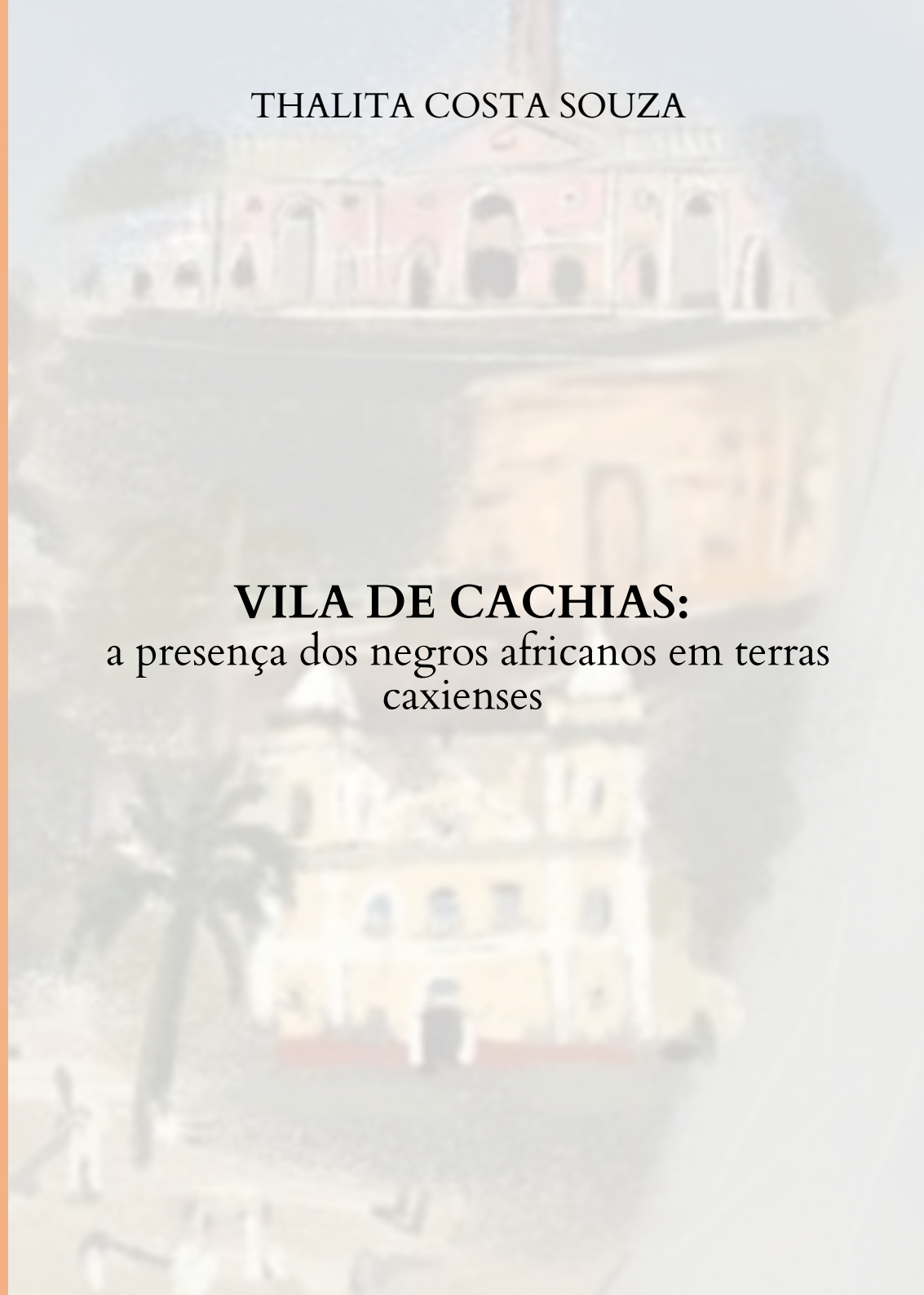
VILA DE CACHIAS:

A presença dos negros africanos em terras caxienses.



THALITA COSTA SOUZA

VILA DE CACHIAS:
a presença dos negros africanos em terras
caxienses



TEXTO:

Thalita Costa Souza

REVISOR:

Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves

DIAGRAMAÇÃO:

Mariana Kamilla Santos Cardoso

CAPA:

Raquel Freitas e Saiwry Sousa

ILUSTRAÇÕES:

Saiwry Sousa

COLABORADORES:

Prof. Me. Reinaldo dos Santos Barroso Junior

Profa. Esp. Mariana Kamilla Santos Cardoso



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGHIST
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA

Souza, Thalita Costa.

Vila Cachias: a presença dos negros africanos em terras caxienses
[Recurso eletrônico] / Thalita Costa de Souza. – São Luís, 2022.

1 livro digital: 94f.; il.

Disponível em: www.ppghist.uema.br

Produto Educacional da dissertação "Africanos escravizados na Ribeira do Itapecuru: produção de um material didático acerca da presença dos escravizados africanos na Vila Cachias das Aldeias Altas (1754-1830)".

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves.

1. Ensino de História. 2. Linguagens. 3. Escravizados Africanos. 4. Caxias.
5. Produto Educacional. I. Título.

CDU 326(812.1)

APRESENTAÇÃO

Prezado professor, prezada professora.

É com muita satisfação que lhe apresento o produto educacional "Vila de Cachias: a presença dos negros africanos em terras caxienses". Este material é fruto do trabalho de pesquisa desenvolvido no mestrado em História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, e visa ser um recurso didático que objetiva contribuir com a formação dos professores e professoras de História do Ensino Fundamental II. O foco do produto é o reconhecimento da presença dos negros escravizados africanos na região de Caxias – MA.

Sabemos das dificuldades de tratar sobre história local em sala de aula, quadro acentuado pela quase inexistência de recursos pedagógicos produzidos com esse intuito. Diante disso, desejamos que este material sirva de aporte para você professor e professora, e que contribua para ampliação e aprofundamento dos conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem.

Este material objetiva apresentar uma cidade no meio do sertão maranhense, longe dos grandes mares e oceanos, mas que esteve inserida no sistema escravista dos negros africanos. Iniciamos lhe apresentando dados acerca do tráfico transatlântico para o Brasil e Maranhão, posteriormente exibimos dados dos censos do IBGE acerca da população negra no Maranhão e em Caxias e, por fim, trazemos memórias e vivências de alguns quilombolas. Ah, e o material não finaliza aqui. Com o intuito de contribuir ainda mais para suas aulas, fizemos algumas indicações de filmes {não se preocupe, todos estão dentro da classificação indicativa 😊}, livros, sites, além de algumas atividades para melhor fixar o conteúdo e um pequeno glossário.

Ahh, já ia me esquecendo, aqui fizemos uso de duas escritas para o nome da cidade: o atual Caxias e o antigo Cachias. Não é nada para lhe confundir, apenas buscamos manter o nome conforme a época de que estávamos tratando.

Desejo a todos uma boa leitura.

Thalita Souza

SUMÁRIO

01

O TRÁFICO TRANSATLÂNTICO PARA O BRASIL E MARANHÃO

09

Introdução	10
O tráfico de escravizados africanos para o Brasil	12
O tráfico de escravizados africanos para o Maranhão	15

02

POPULAÇÃO NEGRA DO MARANHÃO E DE CACHIAS -MA NOS CENSOS DO IBGE

23

03

MEMÓRIAS DA PRESENÇA DOS ESCRAVIZADOS AFRICANOS EM CACHIAS -MA

35

A presença dos escravizados africanos em Cachias – MA	39
Os negros na Revolta da Balaiada	49
Quilombos em terras caxienses: símbolo de resistência e da presença dos escravizados africanos	56

04

CONSIDERAÇÕES

74

INDICAÇÕES DE MATERIAIS E ATIVIDADES SUGERIDAS

77

05

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

84

GLOSSÁRIO

88

O TRÁFICO TRANSATLÂNTICO PARA O BRASIL E MARANHÃO



Introdução

No século XV povos europeus chegam à América, mas somente em 1530 os portugueses passam a olhar com mais atenção para o novo território. A partir desse período se inicia o processo de exploração e povoação das novas terras. Obviamente, isso trouxe malefícios para aqueles que já viviam aqui – denominados como indígenas –, que foram submetidos a situações de violência e escravidão.

Quando falamos sobre escravidão automaticamente somos levados a pensar nos povos africanos, mas é muito importante pontuar que inicialmente o sistema escravista aconteceu em nosso território através dos indígenas e, posteriormente, foi introduzido a mão de obra escravizada africana.

O tráfico de escravizados africanos tem início no século XVI e se mantém até a segunda metade do século XIX, ou seja, a escravidão africana no Brasil se manteve firme por mais de 300 anos. Nesse longo período foram trazidos para cá aproximadamente quatro milhões de africanos, ou seja, aproximadamente, 4 vezes a população atual da capital maranhense, São Luís.

Há alguns pontos que justificam a substituição dos indígenas pelos escravizados africanos, como: a diminuição dos povos indígenas, vítimas de epidemias, devido ao contato com os portugueses e que acabaram contraindo varíola e sarampo; o aumento dos engenhos e para a consequente necessidade de mais escravizados; as relações entre os portugueses e os traficantes de escravizados no continente africano.

Os navios negreiros vinham abarrotados de negros, que passavam meses viajando até chegarem ao seu destino final. Muitos não suportavam a travessia, devido as condições de total insalubridade, e acabavam falecendo durante o percurso.

Nos principais portos africanos, embarcavam negros de diversas localidades do continente, o que poderia ser benéfico para o sistema escravista. Devido a grande diversidade étnica existente no continente, esses negros poderiam ser diversos em suas culturas, línguas e organizações sociais e isso dificultava a comunicação entre eles. De algum modo, essa diversidade facilitava o controle por parte dos senhores de escravizados.

O tráfico de escravizados africanos para o Brasil

A sociedade brasileira em meados do século XVII era demograficamente composta por mais da metade de indivíduos africanos. A instituição da escravidão africana no Brasil por meio da entrada de diferentes povos africanos impactou nos costumes, crenças, cultura e demais aspectos da nova realidade local.

Ter escravos era sinônimo de possuir status social. Até as pessoas com menos recursos poderiam dispor de ao menos um escravo. O historiador Russell-Wood (2005) afirma que: *“a dependência que os brancos tinham de seus escravos era tão completa que este era um dos principais fatores a contribuir para a dissolução moral e física dos portugueses no Brasil.”* (p.21) e completa esta afirmação alegando que *“do ponto de vista comercial e político, considerava a instituição da escravatura imperativa para a sobrevivência e preservação da ordem social”* (p.25) (RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Escravos libertos no Brasil Colonial. Tradução de XVII - XIX*). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.)

O principal destino do escravizados africanos era os portos brasileiros. Entre os anos de 1574 e 1841 foram realizadas 9.127 viagens. Ao lado podemos visualizar na tabela 01 e 02 mais detalhes acerca dos números de embarque e desembarque nas regiões do Brasil.

Tabela 01 e 02 - Tráfico interno realizado no Brasil.

Embarque	Total	Desembarque	Total
Bahia	4.021	Bahia	4.057
Pernambuco	1.259	Pernambuco	1.321
Pará	04	Pará	158
Maranhão	10	Maranhão	387
Paraíba	07	Paraíba	21
Rio de Janeiro	2.022	Rio de Janeiro	2.885
Sul do País	1.011	Sul do País	02

Fonte: Slave Voyage

A maior parte dos portos de desembarque poderia não ser bem identificados durante o longo período do tráfico de escravizados para o Brasil. Entretanto, podemos perceber que os principais portos onde chegavam os escravizados era na Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. Sobre tudo, nas primeiras províncias (Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro) podemos encontrar a maior população de negros nos dias de hoje, bem como grandes expressões afro, como o samba, o candomblé, a capoeira, além de grandes construções históricas erguidas por trabalhadores africanos.

O Maranhão é uma localidade que recebeu também inúmeras embarcações, uma quantidade maior que Pará, Paraíba e do que as províncias do “Sul do País”, tais como Santa Catarina. E tal como o Rio de Janeiro e a Bahia, o Maranhão possui grande quantidade de pessoas negras.

Os africanos adentraram a América portuguesa a partir de diferentes regiões da costa africana: Alta-Guiné (Gâmbia, Senegal, Guiné-Bissau, Cabo Verde), África Ocidental, África Central (Angola e Camarões e Nigéria) e África Oriental (Moçambique).

Mapa das Rotas do tráfico negreiro da África para a América



Vemos no mapa ao lado que o fluxo do tráfico de escravizados africanos se dá com mais intensidade na região na Costa Ocidental do continente, onde podemos visualizar oito rotas e da Costa Oriental temos apenas uma.

O posicionamento geográfico esta, também, diretamente relacionado a composição destas rotas. A lado ocidental é bem mais próximo com o norte da colônia portuguesa na América, quando comparado com a Costa Oriental.

Esse posicionamento geográfico pode ter sido um fator fundamental pela opção por escravos ocidentais, visto que, uma embarcação saindo do oriente africano, contornando a Costa Oriental africana, não chegaria até o norte da América Portuguesa, no Maranhão, por exemplo.

O tráfico de escravizados africanos para o Maranhão

O Maranhão seguirá os mesmos passos do restante do país, no que se refere a logística e organização do tráfico de escravizados, inicialmente a mão de obra utilizada será a indígena, mas já no final do século XVII começou a busca por mão de obra escravizada africana

A mão de obra escravizada africana vai entrar em maior quantidade no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751 - 1772). Para facilitar a entrada de africanos na região, o Marquês de Pombal, principal secretário de Estado da coroa portuguesa construiu em 1755, a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, companhia que teve a liberação para explorar o comércio de importação de escravizados.

Com a implantação da Companhia de Comércio a economia no ramo escravista se solidificou na sociedade maranhense, visto que um dos objetivos da Companhia era exatamente pôr em grande escala a venda de escravizados, que seriam destinados para a agricultura.

No Maranhão colonial, assim como no restante da América Portuguesa, a modalidade de sistema agrícola era o plantation, que é baseado em uma monocultura com fins para exportação, fazendo uso de latifúndios e mão de obra escrava (BARROSO JUNIOR, Reinaldo dos Santos. Nas rotas do atlântico equatorial: tráfico de escravos rizicultores da Alta-Guiné para o Maranhão (1770-1800). 2009. 122 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009).

A capitania dispunha de um solo e clima favorável para produção agrícola, e esses fatores contribuem para que nasçam os ciclos do algodão e do arroz na economia local, que após o processo de cultivo eram exportados para a Europa. Com a Companhia de Comércio, os números de embarcações do tráfico de escravizados aumentaram. Podemos averiguar a quantidade de embarcações na tabela 03, vejamos:

Tabela 03 - Portos de origens dos navios que desembarcaram no Maranhão (1673 a 1841)

Origem	Quantidade de viagens
Bahia	08
Cabo Verde	05
Havana	01
Lisboa	208
Maranhão	10
Pernambuco	12
Rio de Janeiro	10
São Tomé e Príncipe	01
Não identificados	131

Fonte: Slave Voyage

O número de escravizados africanos que entram no Maranhão através das viagens listadas acima chega a 39.648 escravizados.

Ao olharmos a tabela 03, é possível perceber que a prática de tráfico exercida aqui era principalmente, o tráfico transatlântico. Mesmo juntando os dados referentes aos portos desconhecidos com o dados das outras localidades da América Portuguesa, ainda assim o tráfico entre as localidades, ainda será pequeno, apenas 30 navios.

Nessa navegação Atlântica, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe são conjuntos de ilhas que funcionam como entrepostos para o comércio do tráfico de escravizados. Assim, as embarcações saíam de localidades da África e passavam por esses dois conjuntos de ilhas para seguir ao Brasil.

A maior parte das embarcações são de Lisboa. Isso significa dizer que os navios que saíram de Lisboa compraram escravizados na África e seguiram para o Maranhão. Ao olharmos o número final dessa busca, talvez não cause grande impacto já que para os dias atuais isso se configura em uma quantidade pequena de embarcações.

Se comparada as grandes cidades existentes, mas para o período de fins do período colonial, isso é um número extremamente expressivo que apresenta um *spoiler* sobre a sociedade maranhense, mostrando de fato qual era a cor daquela sociedade.

Os escravizados que aqui chegam, igualmente o restante do território brasileiro, advêm, em sua grande maioria, do Ocidente africanos.

A entrada de africanos na América portuguesa é grandiosa, e não há registros numéricos exatos que possa expressar essa dimensão, pois nem todos aqueles que vinham nos tumbeiros eram contabilizados. Não havia um controle muito eficiente sobre essas entradas de negros nas colônias. Mesmo com a ausência de fontes documentais que possibilitem afirmar com exatidão os números referentes ao tráfico de escravizados para o Brasil e para o Maranhão, podemos afirmar que o sistema escravista trouxe, forçadamente, um número gigantesco de africanos para cá e que essa ação teve uma reação que até hoje é observável, já que somos o segundo país com a maior concentração de negros, em números, perdendo apenas para a Nigéria, um país africano.

PARA CONHECER MELHOR...



BANCO DE DADOS SLAVE VOYAGE

O Banco de dados do Tráfico de Escravos Transatlântico é resultado de décadas de pesquisa. Gerenciado pela Universidade de Emory, localizada nos Estados Unidos, o seu grande acervo sobre as viagens de escravizados para diversas partes do mundo são efeitos de pesquisas colaborativas e independentes de estudiosos do mundo todo.

Há 14 anos o banco foi lançado, todavia, já no ano de 1999 o banco de dados foi publicado em inglês através de CD-ROM. A versão em português do site só veio a ficar disponível em 2015, e foi através da facilidade em acessá-lo na plataforma digital que o banco virou ponto de partida para varias investigações científicas.

Atualmente o banco tem catalogado dados referentes a 35 mil viagens no Atlântico, na qual trouxeram aproximadamente 12,5 milhões de africanos para as Américas, o que representa ser a maior migração de pessoas através dos oceanos.

Graças ao banco de dados da Slave Voyage hoje em dia é possível perceber com mais exatidão as características do tráfico de escravizados, como o seus portos de embarque e desembarque, o itinerário das viagens, idade, sexo, gênero entre outras características.

Para visualizar a plataforma acesse:
<https://www.slavevoyages.org/>

<http://>





**POPULAÇÃO NEGRA DO MARANHÃO
E DE CAXIAS-MA NOS CENSOS DO IBGE**

Compreender o desenvolvimento da escravidão negra africana é necessário para que se possa perceber todo o processo da formação do Brasil, do Maranhão e de Caxias.

Já estamos cientes de que o Brasil foi uma das regiões que mais recebera negros africanos para trabalhar nas lavouras. E esse grande contingente, com certeza, iria deixar efeitos em nossa sociedade. Para termos uma noção sobre isso, o Brasil é o segundo país no mundo com a maior população negra, só perdemos para um país africano, a Nigéria. Através dos dados censitários é possível identificar os efeitos do sistema escravagista em terras maranhenses.

Em 1872 foi realizado o primeiro recenseamento no Brasil, desenvolvido pela Diretoria Geral de Estatísticas – DGE, posteriormente definido como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Neste primeiro censo a população brasileira foi estimada em quase 10 milhões de habitantes.

De acordo com os dados levantados naquele momento, 58% da população que residia no país era de pardos ou pretos, 38% brancos e 4% indígenas (caboclos). A província do Maranhão possuía uma população de aproximadamente 360 mil habitantes, sendo 74.989 escravizados.

Caxias, neste mesmo cenário, possuía aproximadamente 20.000 mil habitantes e desse montante 13.682 (mais de 65%) eram pretos e pardos, podemos melhor visualizar esses dados na tabela 04.

Tabela 04 – População de Caxias – Censo de 1872

	HOMENS	MULHERES
BRANCO	2.794	2.659
PRETO	941	985
PARDO	5.716	6.040
CABOCLO	235	273

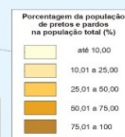
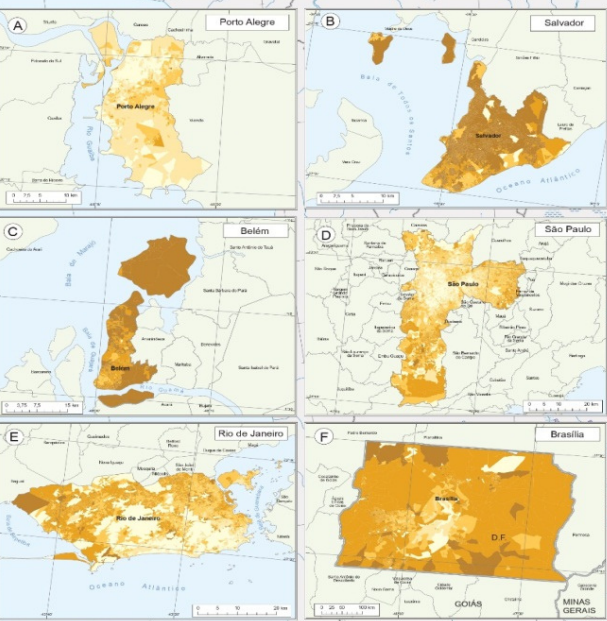
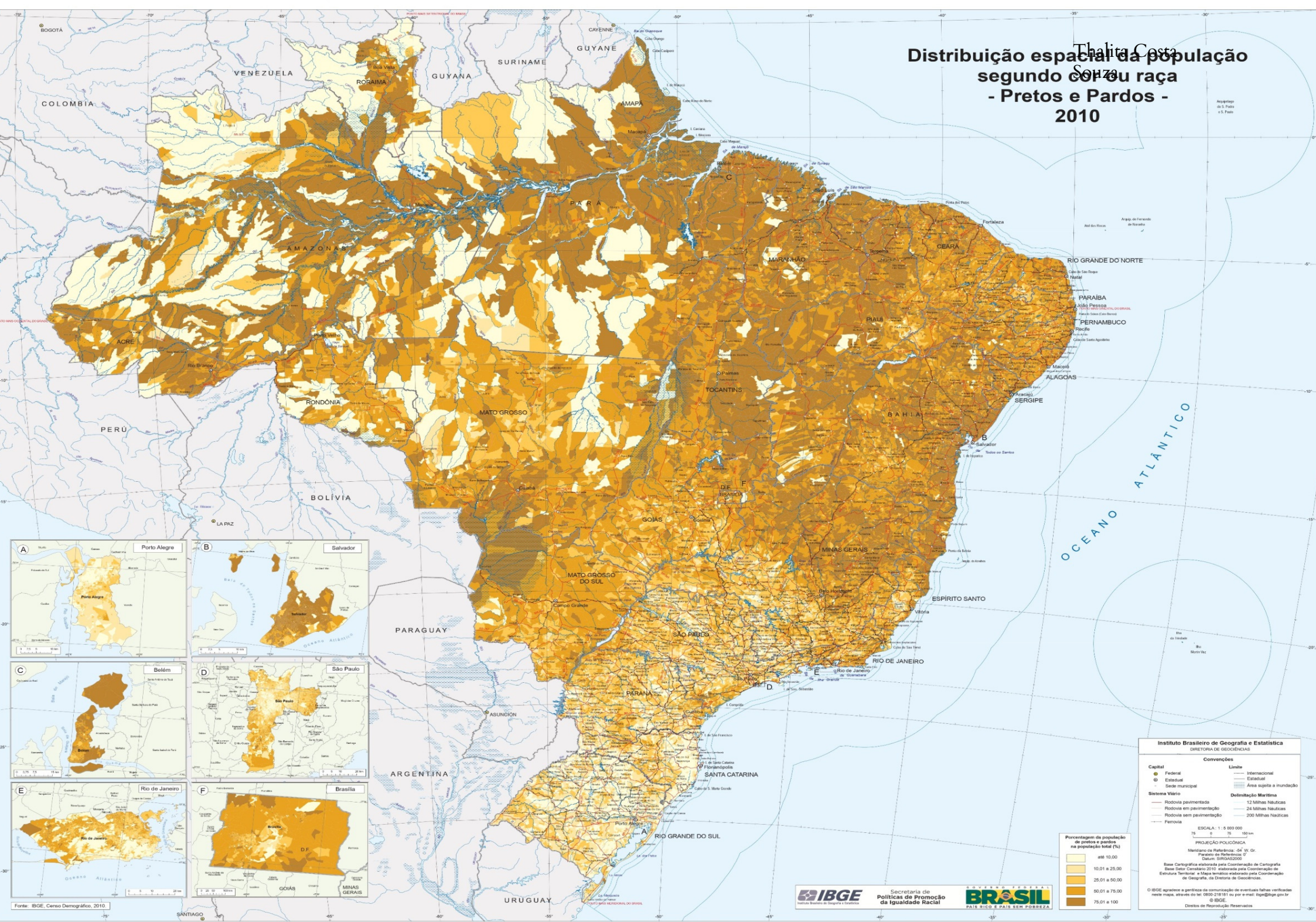
Fonte: IBGE: recenseamento do Brasil – Maranhão em 1872

A partir da tabela acima é possível perceber que Caxias nitidamente era uma cidade negra/parda, de população em sua maioria, feminina.

Esse cenário de negritude, no Brasil e no Maranhão, volta a se repetir em censos mais recentes como o de 2010. O IBGE desenvolve um mapa mostrando a distribuição espacial da população de pretos e pardos no Brasil, vejamos:

Distribuição espacial da população segundo cor ou raça - Pretos e Pardos - 2010

Thalita Costa Souza



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS

Convenções

Capital

- Federal
- Estadual
- Sede municipal

Sistema Viário

- Rodovia pavimentada
- Rodovia em pavimentação
- Rodovia sem pavimentação
- Ferrovia

Limite

- Internacional
- Estadual
- Área sujeita a inundação

Destinação Marítima

- 12 Milhas Náuticas
- 24 Milhas Náuticas
- 200 Milhas Náuticas

ESCALA: 1 : 5 000 000

PROJEÇÃO POLICÔNICA

Mercator de Referência - 54° W. O - Paralelo de Referência 0°

Data: 09/04/2009

Base Cartográfica elaborada pela Coordenação de Cartografia Base Setor Censitário 2010 elaborada pela Coordenação de Estatística Territorial e Mapa temático elaborado pela Coordenação de Geografia, da Diretoria de Geociências.

O IBGE agradece a gentileza de comunicação de eventuais falhas verificadas neste mapa, através do tel: 0800 218 181 ou por e-mail: ibge@ibge.gov.br

© IBGE

Direitos de Reprodução Reservados

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010

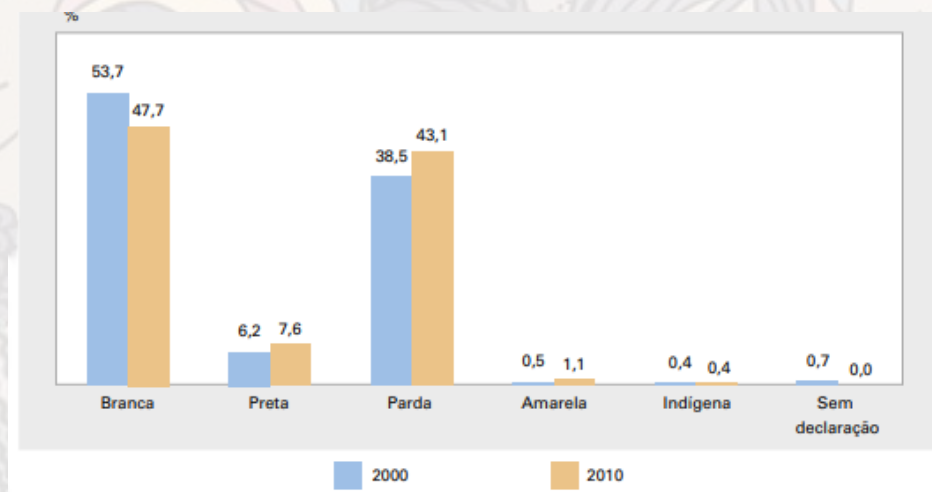
As regiões mais escuras no mapa são as que mais possuem pessoas negras residindo. Os trechos que vão de Minas Gerais ao Sul e o que representa parte dos estados do Norte são as regiões que mais possuem pigmentos claros no mapa, o que significa possuir uma população mais esbranquiçada.

Segundo dados do IBGE, em 2010 a população brasileira era de 191 milhões, dos quais 47,7% se definiram como brancos, 7,6% como pretos, 43,1% pardos, 1,1% amarelos e 0,4% indígenas.

Ao compararmos com os dados referentes a pretos e pardos em censos anteriores, como o de 1991 e o de 2000, percebe-se que houve uma crescente de pessoas se reconhecendo como pretas: no ano de 2000, a porcentagem de pessoas negras era de 6,2%.

Ao analisar os dois censos (2000 e 2010) percebe-se que há uma redução de pessoas que se declaram como brancas e houve um crescimento dentro das categorias de pretas, amarelas e pardas. A população indígena permanece com a mesma porcentagem e aqueles que preferem não declarar sua cor quase desaparecem nas pesquisas. Vejamos no mapa ao lado

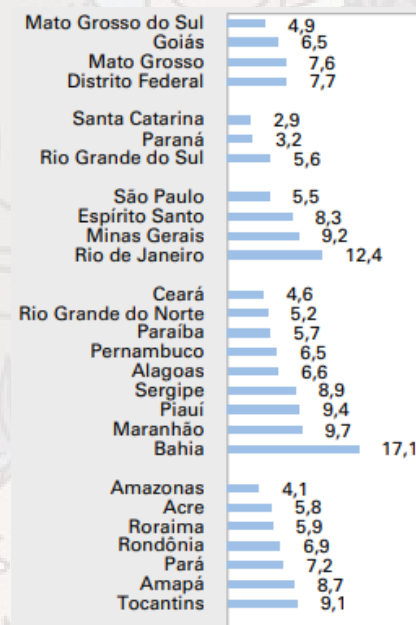
Distribuição percentual da população residente, segundo a cor ou raça Brasil - 2000/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

Ao observarmos essa população preta nas unidades federativas, as maiores concentração de pardos e pretos estão na região norte e nordeste, sendo essa última a região com mais população preta. A Bahia e o Maranhão são os dois estados com mais negros na região, conforme podemos visualizar no mapa da página seguinte.

Proporção de pessoas de cor ou raça preta, segundo as Unidades da Federação, em ordem decrescente na respectiva Grande Região – 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

A menor proporção de pessoas pretas encontra-se na região sul do país, sendo Santa Catarina o estado com o menor número de pessoas que se definem como pretas. Fora da região nordeste temos o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Tocantins com uma porcentagem significativa de pessoas pretas.

Tabela 05 - População do Maranhão e de Cachias – IBGE 2010

-	MARANHÃO	CACHIAS
BRANCOS	1.437.656	28.330
PRETOS	632.138	20.262
PARDOS	4.396.274	103.437
AMARELOS	74.265	2.887
INDIGENAS	34.339	211

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Acima, na tabela 05, visualizamos os dados do censo de 2010 acerca da cor e raça da população maranhense e caxiense.

A população total do Maranhão é de 6.574.789, entre os quais 10% da população se reconhece como preta e 67% como pessoa parda. Ao fazermos a mesma análise para os dados de Cachias, que no censo de 2010 foi contabilizada uma população de 155.129 habitantes, percebemos que 13% da população é preta e para pardos a porcentagem também é de 67%. Aproximadamente 20% da população das duas regiões não é classificada como preta ou parda.

Os dados anteriores nos mostraram que a presença dos negros sempre foi algo presente em nossas vidas, seja na condição de escravizados ou como pessoas libertas.

No primeiro censo, o de 1872, a população preta e parda de Caxias perfazia mais de 68% de toda a população. Após 138 anos, analisando os dados do censo de 2010 vemos que o cenário não mudou muito numericamente, visto que ainda pretos e pardos perfazem as maiores porcentagens dentro da população do estado e de Cachias. Isso, notoriamente, é um grande reflexo dos quase 400 anos de escravidão.

Colocar em evidência esses dados nos faz perceber que a região de Cachias, localizada em pleno sertão maranhense, há quase 400 km de distância da área portuária da grande São Luís, esteve sim inserida no sistema escravista. Perceber esses indivíduos escravizados como parte importante da história caxiense nos primórdios de sua formação social e agora localizar indivíduos que descendem desses que foram escravizados nos faz reconhecer que os mesmos não são coadjuvantes na construção da nossa história.

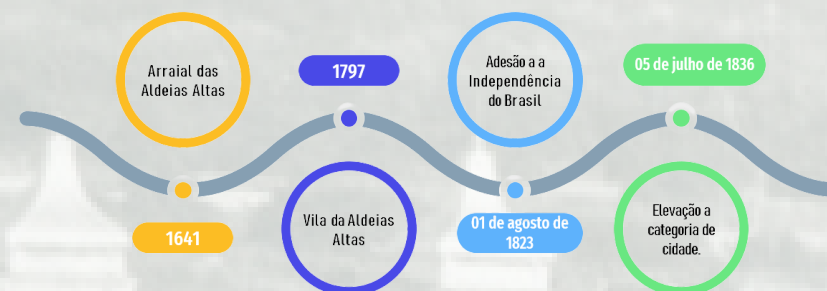
**MEMÓRIAS DA PRESENÇA DOS
ESCRAVIZADOS
AFRICANOS EM CAXIAS-MA**



Cachias das Aldeias Altas já sinalizava no século XVII os primórdios de sua formação às margens do Rio Itapecuru, através da presença das aldeias indígenas existentes nos pontos mais elevados da ribeira. A história acerca de sua origem é ainda rodeada de dúvidas e lacunas, o que se sabe ao certo é que a localidade ganha espaço dentro das documentações a partir da construção de uma capela em consagração a São José, construída por deliberação de alguns sesmeiros que ali residiam por volta de 1734.

Também é possível encontrar menções sobre a localidade nas documentações a respeito da construção de um colégio- seminário em 1741, que dispunha de uma igreja em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, coordenado por padres jesuítas que, em 1760 são expulsos da região. A partir daí, a localidade passa a ser mais visada pela administração portuguesa, se tornando vila no início do XIX (COUTINHO, M. Cachias das Aldeias Altas: subsídios para uma história. 2. ed. Prefeitura de Cachias, São Luís, 2005). Missionários que por essas terras passaram deram algumas denominações para a região: Freguesia de Jose das Aldeias Altas, Guanaré, Cachias, Missão Alta, Cachias das Aldeias Altas e, atualmente, Caxias.

LINHA DO TEMPO DE CACHIAS



Modelo retirado do SlideGo – Elaborada pela autora

Conforme a linha do tempo acima, percebe-se que não há uma data que aponte a origem de Cachias. Sabe-se que em meados do XVII a região já era definida como Arraial, isso configura que já tínhamos uma movimentação populacional para essa região, visto que para receber tal designação a localidade já deveria possuir minimamente uma estrutural social organizada.

Segundo diversos historiadores, a vila de Cachias era uma das vilas mais prósperas da região conhecida como **Ribeira do Itapecuru**, responsável por grande parte da produção de arroz e algodão do período, e esse mérito deve-se ao trabalho de escravizados que existia na região.

Cachias aparecia como a localidade mais atraente da região do ponto de vista econômico (pelo plantio de arroz e algodão e pelo entreposto comercial na região) e tinha, para a época, um grande contingente populacional

Era atraente essa fertilidade das terras nas proximidades do rio Itapecuru, que facilitava a implantação de roças as mais variadas, bem como a criação do gado. Essa dinamicidade funcionava como o principal fato atrativo para os diferentes grupos e “tipos” sociais, que poderiam estabelecer moradia na região.

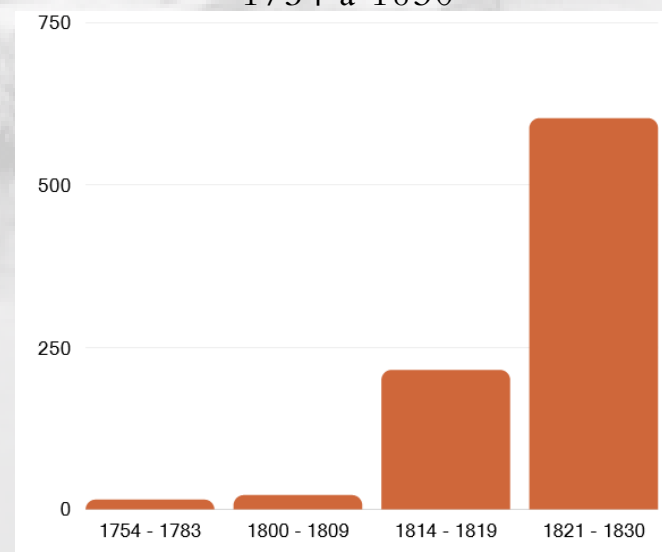
A beira rio do Itapecuru era repleta de médias e grandes ocupações agrícolas e pecuárias; nela se montou inúmeros núcleos populacionais, com maior destaque para a vila de Cachias de Aldeias Altas. Era a economia às margens dos rios que movimentava e motivava o desenvolvimento de novas localidades e também contribuía com as lógicas do tráfico de escravizados africanos.

Foi, sem sombra de dúvida, a cultura algodoeira de meados do século XVIII até a década de 1950 o principal fator do desenvolvimento econômico caxiense. Paralelamente, cultivou-se intensamente arroz, milho, mandioca e feijão. As produções agrícolas da região, como na maior parte do Maranhão, eram movidas por mão de obra escravizada.

A presença dos escravizados africanos em Cachias – MA

É o Julgado mais antigo em culturas, mais povoado, e o que reputam melhor torrão. Tem, para o transporte dos seus frutos, o rio principal daquela Capitania, pois ele sobe até Aldeias Altas, cujo território é o mais fértil para o arroz. Aqui, posto haver algumas terras de gado, é a maior cultura daquele país, [...] As margens deste rio estão cobertas de armazéns e habitações dos inumeráveis roceiros que cultivam aquele imenso território. Aqui por haver o maior número de escravos, ser possuída pelos mais ricos e antigos habitantes daquela Colônia, pela fertilidade da terra, pela facilidade da navegação, terreno mais sadio e mais perto da cidade [...] (TORRES, 2003, p.235 apud MOTA, 2007, p.38).

Gráfico dos escravizados em Cachias nos anos de 1754 a 1830



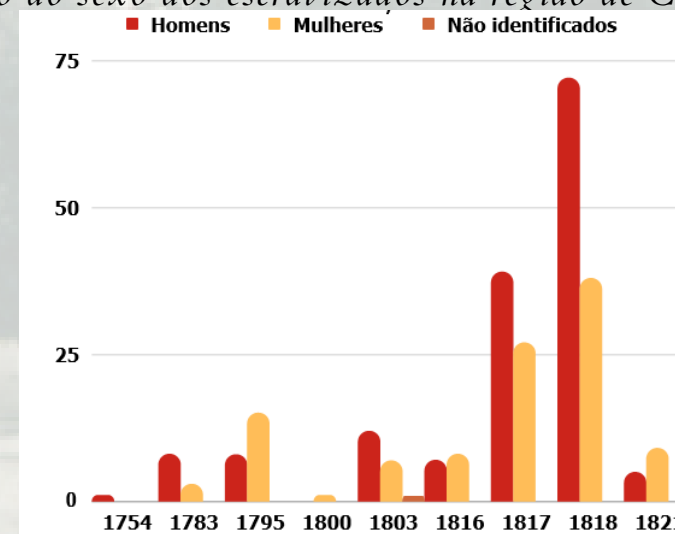
Fonte: Inventários. Acervo do ATJMA.

Por meio do gráfico anterior podemos ver os "homens de cor" na vila de Cachias. Observemos uma crescente no número de escravizados, muito mais expressiva em fins do período colonial. É importante considerar que em meados do século XVIII esses escravizados estão sendo transportados pelo rio Itapecuru até Cachias aumento a composição social de escravizados na região, década após década. Desta maneira o quadro migratório para Cachias, composto por proprietários, comerciantes e escravizados vindos do litoral aumentava desde meados do século XVIII, e podemos ver isso no gráfico que vai aumentando com o passar dos anos.

É inquestionável a presença dos negros escravizados às margens do Itapecuru. Os vários indícios que usamos até aqui nos permitem defender essa afirmação. A região era favorável para o plantio, conectava-se com São Luís através das águas e tinha como principal engrenagem para a economia a mão de obra de escravizados. Não há dúvidas de que seria uma região promissora para o Maranhão.

As duas freguesias que hoje compõem Cachias, Aldeias Altas e Trizidela, eram as maiores produtoras de algodão de toda a extensão. Logo, a vila era um dos principais redutos de produção deste algodão que dava notoriedade à economia maranhense e esse sucesso econômico se dava devido a presença dos escravizados africanos. Vejamos nos gráficos a seguir as características dos escravizados africanos que viviam na região de Cachias das Aldeias Altas.

Gráfico do sexo dos escravizados na região de Cachias



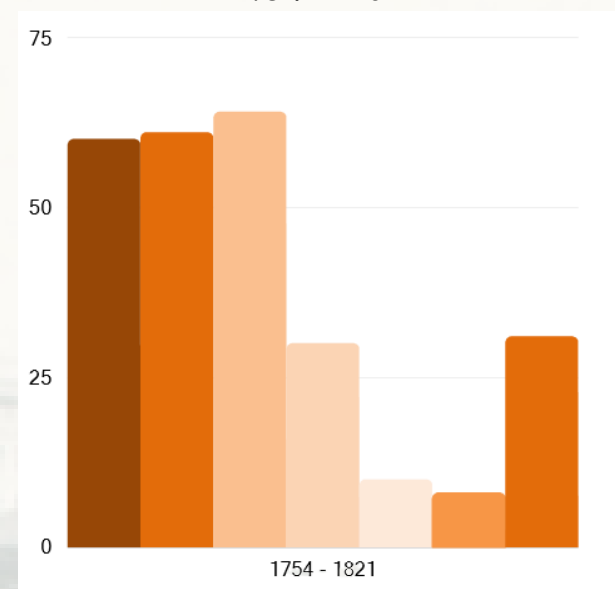
Fonte: Inventários. Acervo do ATJMA

Ao observarmos o gráfico vemos que nos anos de 1800 e 1809 não foram localizados escravizados masculinos nos inventários analisados, e que nos anos de 1795 e 1816 a presença feminina de escravizadas supera a masculina. Isso, obviamente, depende de inúmeras variáveis, tais como quem era o proprietário, a comercialização de escravizados e as principais formas de economia utilizadas nas propriedades.

De qualquer maneira, a divisão dos sexos é orientada para os trabalhos braçais nas grandes lavouras. É visível que a população escravizada de Cachias era massivamente composta por crianças e adultos de até 30 anos. Isso é reflexo da própria lógica de formação de Cachias e do tráfico de escravizados para o sertão que acompanha um ritmo menor se compararmos com regiões litorâneas.

Seguimos agora para a faixa etária dos escravizados africanos da região de Cachias. O fator idade era um ponto muito importante na aquisição de escravizados, visto que os trabalhos que eram destinados a esses indivíduos exigiam um bom condicionamento físico para poderem desenvolver melhor suas funções e, quanto mais idade tivesse um escravizado, menos produtivo ele poderia ser.

*Gráfico da Faixa etária dos escravizados de Cachias
1754 – 1821*



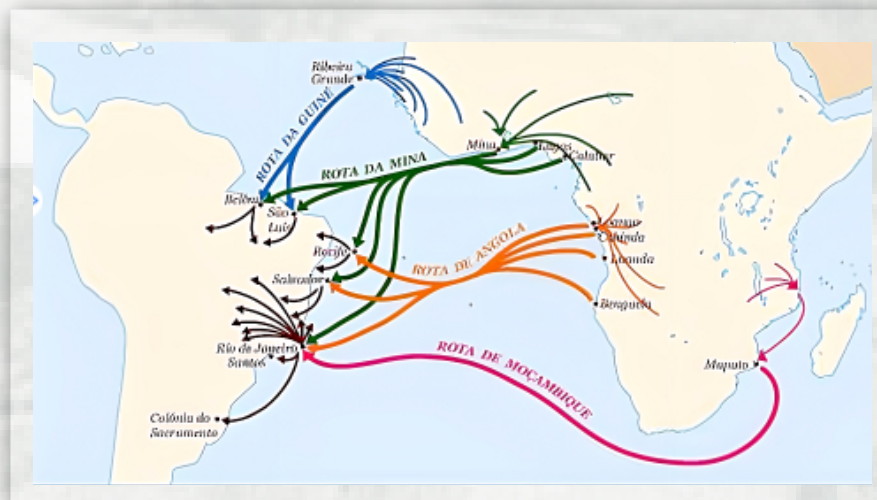
Fonte: Inventários. Acervo do ATJMA

No gráfico acima podemos observar que a população negra de Cachias, em sua maioria, estava na faixa etária dos 15 aos 30 anos, entendida como o melhor período para o trabalho braçal. Posterior a essa faixa etária, o trabalho árduo da lavoura se tornava ainda mais pesado, já que os escravizados não possuíam mais o mesmo vigor devido ao grande esforço desenvolvido, somado às violências que sofriam, alimentação com poucos nutrientes e vivência em locais insalubres.

Esse cenário é reflexo do local onde Cachias está inserida. Em meio a Ribeira do Itapecuru, uma das regiões mais importantes economicamente para o Maranhão, produtora de arroz de algodão. Logo, para atender a demanda agrícola da região se fazia necessário escravizados mais jovens.

Além da faixa etária dos escravizados, outro ponto importante para se observar são os seus locais de procedências, ou seja, os portos onde esses indivíduos foram embarcados. O tráfico de escravizados para o Brasil aconteceu através de quatro rotas: da Guiné, Mina, Angola e Moçambique, conforme vemos abaixo.

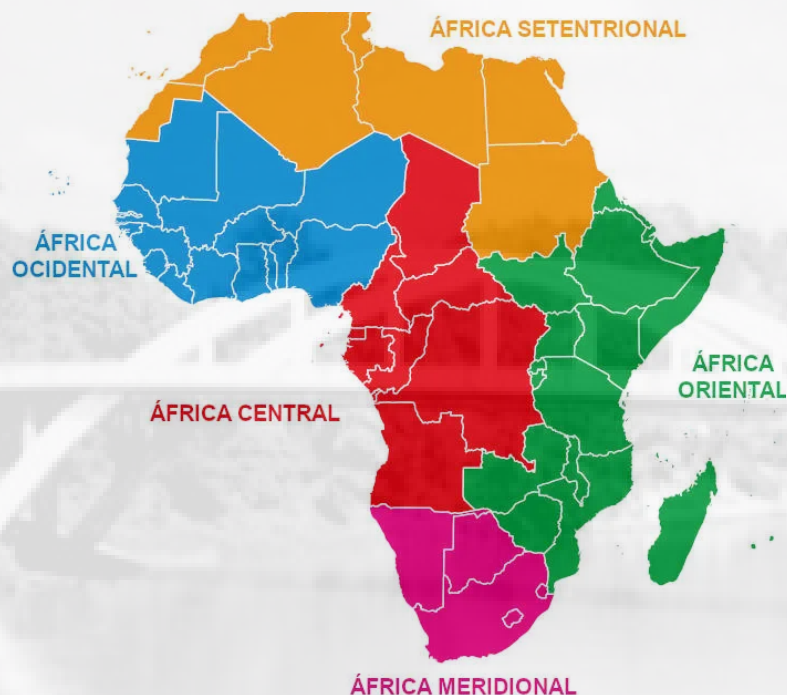
Rotas do tráfico de escravizados para o Brasil.



Fonte: www.sohistoria.com.br.

Inicialmente o tráfico de escravizados africanos irá acontecer através da Rota da Guiné. No início do século XVI já temos o primeiro navio negreiro aportando no Brasil. Segundo dados do Slave Voyage, em 1574 aporta um navio negreiro com escravizados vindos de São Tomé e Príncipe, isso confirma a afirmação da página anterior, visto que essa região está localizada no Golfo da Guiné, área de atuação desta rota, que teve mais conexões com as regiões Norte e Nordeste do atual Brasil. É interessante pontuar que esta rota não teve tanta ênfase na formação da nossa população de escravizados, já que a busca naquela região não era tão grande e esse cenário mudara no século seguinte, com a rota da Mina.

Para melhor visualizarmos e assim melhor se localizar dentro do continente africano, é importante saber que ele é o terceiro maior continente. Atualmente possui mais de um bilhão de habitantes e é o continente que mais tem países, 54 ao todo, distribuídos em cinco regiões: África Setentrional, África Meridional, África Central, África Ocidental e África Oriental. Como podemos ver no mapa a seguir.

Mapa das regiões da África

Fonte: www.gestaoeducacional.com.br

O tráfico de escravizados africanos para as diversas regiões do mundo acontecia com grande ênfase nas regiões da África Ocidental e Central, mas isso não significa que as demais regiões não estivessem inseridas no sistema escravista: três das rotas para traficar saíam da costa ocidental e uma na costa oriental.

Observamos que os escravizados da região de Cachias, em sua grande maioria, vieram da África Central, com predominância de Angola. Nesse sentido, é interessante notar que enquanto a ribeira do Itapecuru possuía uma ampla variedade étnica com origem de diferentes regiões africanas que sustentavam o tráfico de escravizados, Cachias, quase que exclusivamente era composta por africanos de proximidades de Angola. Abaixo podemos visualizar as procedências dos escravizados africanos da região de Cachias, vejamos na tabela 06:

Tabela 06 - Origens do escravizados de Cachias 1754 a 1821

REGIÃO	LOCAIS DE ORIGEM
REGIÃO NÃO DEFINIDA	Cambonela; casima; Colante; Gosa; Uça; Osia; Uapa; Jabá e Albina
ÁFRICA CENTRAL	Angola; Mayonga; Benguela; Cabinda; Congo; Cassange; Mina; Nagô e Rebolo
ÁFRICA ORIENTAL	Moçambique
AMÉRICA PORTUGUESA	Crioulos; Mestiços; Mulato e Cafuzo

Fonte: Inventários. Acervo do ATJMA

Estudar a história de um local como Cachias das Aldeias Altas em uma microrregião como a ribeira do Itapecuru é notadamente importante não só para a construção da história maranhense, mas para a construção de um elemento mais profundo: o reconhecimento identitário e a valorização da consciência histórica local a partir do reconhecimento da história de Cachias e suas circunvizinhanças.

Colocar em evidência esses dados nos faz perceber a região de Cachias, localidade situada em meio ao sertão maranhense, inserida no sistema escravista em espaço de enorme valia econômica para o Maranhão. Perceber esses indivíduos escravizados como parte da história caxiense, e ainda mais, reconhecer que os mesmos não são coadjuvantes na construção da nossa história, é um exercício que deve ser feito constantemente.

Os negros na Revolta da Balaiada

Caxias foi palco de uma das maiores revoltas populares do período imperial, a Guerra da Balaiada, movimento social popular ocorrido no Maranhão entre 1838 e 1841 que ganhou esse nome graças a um de seus líderes, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, que era artesão e confeccionava balaies para vender. O movimento contou com a participação de diversas camadas da população, e foi especialmente marcado pela participação dos escravizados, vaqueiros, camponeses, além de homens de elite ligados à corrente liberal e ao partido Bem-te-vi.

Durante o período regencial, o Maranhão atravessava sérios problemas econômicos. O seu principal produto e fonte de riqueza, o algodão, perdia mercado para o algodão estadunidense, por ser mais barato e possuir uma qualidade superior

“*Lutar pela liberdade,
fim da
discriminação e da
repressão*”

Caxias foi palco de uma revolta popular, a Balaiada, que envolveu Maranhão, Piauí e Ceará

Mapa territorial da Guerra da Balaiada



Fonte: www.sohistoria.com.br

A revolta tem seu estopim durante a invasão a uma cadeia na Vila da Manga (atual Nina Rodrigues) realizada por Raimundo Gomes Vieira Jataí, o vaqueiro Cara Preta. O objetivo da invasão é resgatar seus companheiros que haviam sido recrutados forçosamente, o chamado “pega”, ato muito comum realizado pelo governo da província.

Após esse ato o movimento foi conquistando espaços e ganhando mais adeptos, dentre eles artesãos, fazendeiros, negros livres, indígenas e escravizados. Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme, é outro indivíduo que terá grande participação dentro da Balaiada. Ele agregou ao movimento inúmeros negros fugidos que viviam em quilombos. Mediante a crescente revolta prefeitos da região organizaram expedições na tentativa de conter os rebeldes.

Outro grupo se rebela na localidade Pau de Estopa (atual Coroatá). É lá que surge outro grande líder dessa revolta, Manoel Francisco do Santos Ferreira, vulgo Balaio, origem do futuro nome da insurreição. Ferreira, após ter sua filha violentada por um oficial, armou-se juntamente com seu grupo e foi ao encontro do vaqueiro Cara Preta.

Na sequência, chega em Caxias o tenente-coronel Severino Alves de Carvalho para combater os balaaios. Contudo, os revoltosos já estavam em um número muito maior se comparado ao número de homens liderados pelas autoridades de Caxias. Em 1 de julho de 1839 os balaaios tomam a cidade e começa o conflito. Naquele momento, Caxias encontra-se:

Indefesa, sem fortificações dignas desse nome, contando apenas com a bravura dos defensores da cidadela, Caxias iria a luta em desigualdade de tudo: tropas, armas, dinheiro, munições (COUTINHO, M. Cachias das Aldeias Altas: subsídios para uma história. 2. ed. Prefeitura de Cachias, São Luís, 2005, p. 165)

Os conflitos entre os balaaios e as tropas é constante. Com o sucesso dos revoltosos, o governo imperial envia do Rio de Janeiro o coronel Luís Alves de Lima e Silva.

Em 24 de março de 1839 os balaaios chegam as imediações de Caxias, e buscam apoio de outros revoltosos em Campo Maior, Piauí. A posição privilegiada da Vila seria de enorme valia para os balaaios que passaram a se organizar com relação a munição, dinheiro e alimentação. Temendo a invasão, o prefeito João Paulo Dias Carneiro busca apoio junto as autoridades da provincia.

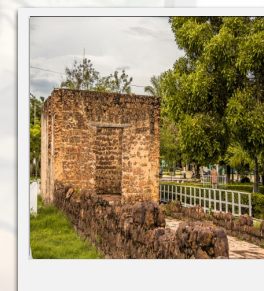
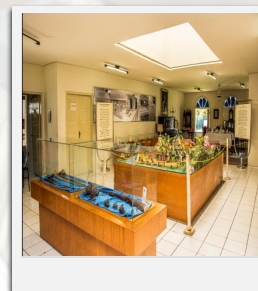
É interessante refletirmos que por muito tempo se falou sobre a Balaiada somente a partir da visão daqueles que reprimiram, sem se dar voz aos que foram reprimidos.

Assim, os balaaios foram vistos como indivíduos perversos e cruéis. Abaixo podemos visualizar alguns dos adjetivos que eram destinados aos balaaios:

“[...] adentraram por todos os lados os rebelados, em Caxias. Gente sem formação, barbados, ferozes, embrutecidos, aspecto diabólico, sujos e arrogantes, foram poluindo a antiga metrópole do vale do Itapecuru” (COUTINHO, M. Cachias das Aldeias Altas: subsídios para uma história. 2. ed. Prefeitura de Cachias, São Luís, 2005 p.168).

Atualmente Caxias possui um museu, criado em 2004, em alusão a Revolta da Balaiada: o Memorial da Balaiada. Localizado no Morro do Alecrim, local que foi palco final dos conflitos e que preserva as ruínas do antigo Quartel Militar;

Interior, ruínas e fachada do Memorial da Balaiada



Fonte: Assembleia Legislativa do Maranhão.

No local também há estátuas dos líderes da Balaiada, dispostas no jardim do museu. O acervo do Museu da Balaiada conta com louças, moedas, botões, projéteis e armas frutos de doações e de escavações realizadas no local.

Estátuas dos líderes da Balaiada



Fonte: Prefeitura Municipal de Caxias

A primeira imagem a esquerda, representa Negro Comes, escravizado e líder quilombola que atuou na revolta, ao seu lado está o vaqueiro Raimundo Gomes da Silva, conhecido como "Cara Preta" e em seguida está o advogado piauiense Livio Lopes Castelo Branco e Silva.

A estátua de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, vulgo que deu nome a revolta não foi localizada no jardim do museu pois estava em processo de restauração.

Quilombos em terras caxienses: símbolo de resistência e da presença dos escravizados africanos

Onde houve escravidão, houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomias com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores. Rebelava-se individual e coletivamente. Aqui a lista é grande e conhecida. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão – a fuga.

Adaptado de: SCHIMIDT, Mário. Nova História Crítica. São Paulo: Nova Geração, 2005. p. 207

O ato de resistir ou mesmo burlar o sistema está diretamente ligado a ações como cometer assassinatos, levantar insurreições ou fugir. No Brasil, o quilombo foi uma das formas de resistência da população escravizada. Quilombo ou **mocambo**, era uma comunidade de difícil acesso formada por negros que fugiam dos espaços onde eram escravizados e ali desfrutavam de uma liberdade sob circunstâncias. Em toda região que teve a presença de escravizados negros, saiba que ali também existiram quilombos.

Esses espaços edificadas por negros fazem parte das múltiplas experiências de resistência cotidiana, entre as quais os escravizados tentaram buscar sua autonomia e viver sob a própria força de trabalho. Muitas vezes, os escravizados se aquilombavam na intenção de desenvolver sociedades camponesas independentes.

Os espaços escolhidos para desenvolver e cultivar essas sociedades independentes negras ocorria mediante a escolha de locais estratégicos, próximos a riachos ou brejos, nas proximidades de matas que já serviriam como rota de fuga em possíveis invasões aos quilombos. Flávio Gomes nos ensina que os quilombos e os mocambos não existiam isoladamente, mantendo uma rede de apoiadores, vejamos:

"A formação de quilombos significou muito mais do que apenas escravos fugirem para as matas e tentarem escapar das perseguições. Escolhiam locais para se estabelecer, procuravam dominar florestas, reinventavam práticas econômicas e tentavam contatos com outros setores da sociedade com os quais pudessem ampliar suas bases econômicas, autonomia e redes de proteção e solidariedades. Assim fizeram os quilombos do Maranhão [...] (GOMES, Flávio dos Santos. A Hidra e os pântanos: mocambos e quilombos no Brasil (séculos XVII a XIX). São Paulo: Editora Unesp; 1ª ed., 2005.p.233)"

E essa rede de apoiadores pode ser observada quando percebemos que existiu no Brasil quilombos que resistiram por mais de um século aos ataques dos colonizadores, o **Quilombo dos Palmares** é um exemplo.

Segundo um estudo realizado pelo IBGE, através da Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre Indígenas e Quilombolas em 2019, estima-se que há no Brasil 5.972 localidades quilombolas distribuídas em 1.672 municípios brasileiros. A região nordeste é a que mais concentra localidades quilombolas, um total de 3.171. O Maranhão encontra-se em terceiro lugar no ranking dos estados brasileiros com mais localidades quilombolas, 866 localidades, ficando atrás dos estados de Minas Gerais e da Bahia.

No ranking dos 10 municípios brasileiros que mais possuem localidades quilombolas, há quatro que são maranhenses: Alcântara; Itapecuru-Mirim; Santa Helena e Codó. Na Constituição Federal de 1988 foi garantido às comunidades quilombolas o direito de permanência e ocupação das terras anteriormente chamadas de “terras de preto” ou “comunidades negras”. Ao Estado cabe a responsabilidade pelo processo de titularizar essas terras. A partir desse reconhecimento o conceito de quilombo foi ressignificado dando abertura para que novos grupos de remanescentes quilombolas pudessem assumir sua identidade.

A região de Cachias, como visto anteriormente, foi uma região que esteve inserida no sistema escravista e, como disse Mário Schmidt: “onde houve escravidão, houve resistência[...]”. Logo, não podemos fechar os olhos para os quilombos na região de Cachias, que são indícios da presença negra e escravizada.

Segundo os dados da Fundação Cultural Palmares – FCP até o ano de 2020, dentro dos limites políticos e administrativos do município, foram identificadas seis comunidades quilombolas, vejamos na tabela 07:

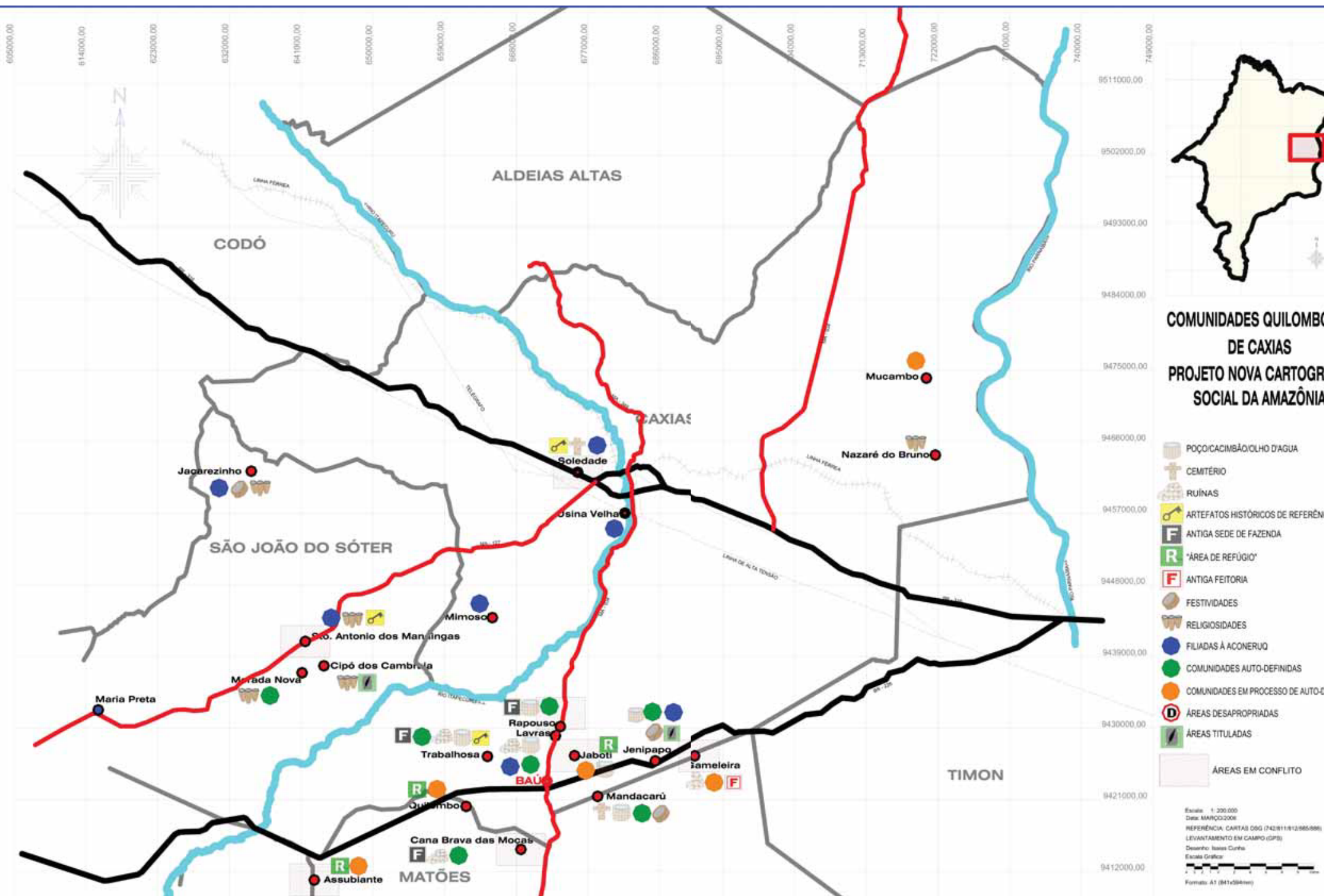
Tabela 07: Comunidades Quilombolas identificadas pela Fundação Cultural Palmares.

CANA BRAVA DAS MOÇAS*	JENIPAPO	LAVRA
SOLEDADE*	MIMOSO*	LAGOA DOS PRETOS E CENTRO DA LAGOA

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2020)

Vale ressaltar que o processo de identificação por parte do FCP ocorre mediante a apresentação de algumas documentações, como: ata de reunião da associação da comunidade que deseja ser reconhecida; relatos históricos, contando um pouco sobre sua formação e genealogia; crenças e manifestações culturais; e um requerimento endereçado a FCP. Das seis comunidades existentes em Cachias, apenas três (*) são certificadas pelo INCRA, ou seja possuem seus territórios delimitados e reconhecidos.

O processo de identificar e melhor conhecer essas localidades em Cachias não é algo recente. Em 2006, docentes da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, vinculados ao projeto *Nova Cartografia Social da Amazônia - Quilombos de Cachias*, realizaram um trabalho bem aprofundado no mapeamento dessas localidades. Vejamos o mapa, fruto deste trabalho:



O mapeamento realizado pelo Projeto Nova Cartografia Social localizou doze comunidades que possuíam alguns aspectos que poderiam as classificar como quilombolas: preservação de materiais históricos, praticas religiosas, etnicidade, memória de escravidão, entre outros. Vale pontuar que neste mapeamento há comunidades que estão fora dos limites municipais de Cachias, na tabela 08 podemos melhor visualizar:

Tabela 0: Quilombos mapeamos pelo Projeto Nova Cartografia Social

QUILOMBO	MUNICÍPIO
Gameleira; Jenipapo*; Mimoso**; Trabalhosa; Jaboti; Soledade**; Usina Velha***; Lavra*; Nazaré do Bruno; Olho d'agua do Raposo***; Mocambo e Quilombo	Cachias
Mandacaru dos Pretos**; Assuviente*; Cana Brava das Moças***	Matões
Morada Nova*; Cipó dos Cambraias* e Jacarezinho**	São João do Soter

Fonte: Projeto Nova Cartografia Social (2006).

Através da tabela 08 podemos perceber que algumas comunidades estão apenas certificadas pela FCP (*), outras possuem certificação tanto na FCP como no INCRA (**), outras somente no INCRA(***). As demais não constam em nenhum dos órgãos reguladores.

É interessante pontuar que após o mapeamento realizado pelo Projeto Nova Cartografia Social outras comunidades foram regularizadas. Podemos citar aqui Tanque da Rodagem e São Joao, no município de Matões, certificadas em 2014 pelo INCRA e pela FCP. Em São João do Soter também teve comunidades reconhecidas: Bucuri e Primeiro Brejo (2005/2006) e Zé Domingues (2019) certificadas pela FCP, e Centro Novo (2018) certificada pelo INCRA e pela FCP. Outra ressalva que deve ser feita é que no mapeamento consta Cana Brava das Moças como pertencente ao município de Matões. Contudo, no INCRA e no relatório da FCP, consta a informação de que a comunidade pertencente à região de Cachias.

Outras regiões são citadas no mapeamento como comunidades quilombolas na região de Cachias: Lagoa dos Pretos*; Santa Cruz; Zinga; São Félix e Engenho D'água.

Levando em consideração todos o quilombos aqui mencionados, sejam eles regularizados ou não, temos na região de Cachias 18 comunidades quilombolas. Isso é altamente relevante para uma região interiorana e sertaneja como Cachias e confirma a presença/permanência dos negros e escravizados em terras caxienses.

Acesso ao quilombo Jenipapo.



Foto: Thalita Souza (2022).

“No dia 14 de dezembro [de 2020] eu estava bem aqui sentado, oiei pra aculá vi dois ônibus cheio de companheiro que veio visitar e fazer uma festa aqui naquele salão ali, nós fizemos tudo, nós dancemos baião, tocamos festa, nós cantemos tambor de crioula, nós fizemos de tudo [...]

“[...] quando eu estava em Cachias eu fazia o 13 de maio não dando poder, valor para princesa Isabel não, era repudiando, porque ela não fez nada de bem pra preto.” (ENTREVISTA: Manoel Moura da Silva, 76 anos, quilombo do Jenipapo)

Quando perguntado sobre suas raízes africanas, nos contou que sua mãe, falecida aos 114 anos, lhe contava que sua avó, dona Rosa Barro, foi filha de uma escravizada, e que “*era necessário amamentar o filho do senhor de engenho pra não derrotar o seio da mulher dele [...] esse senhor de engenho chamava Severino Dias Carneiro.*” (ENTREVISTA: Manoel Moura da Silva, 76 anos, quilombo do Jenipapo).

O senhor de engenho mencionado pela Sr. Manoel Moura era um advogado filho do comendador Severino, que posteriormente também receberá o título de comendador.

O senhor de engenho e sua família possuíam terras no município de Pico (atual Colinas) possuíam muita influência na região e também ocupavam cargos políticos. Na pouquíssima historiografia que trata acerca desta família, nos deparamos com comentários que o senhor de engenho era um senhor muito rude e cruel. Maria das Graças Saraiva Barroso (2006) apresenta, em sua pesquisa, algumas memórias acerca da família, vejamos:

"No Sítio do Meio, tinha uma Casa Grande e de lá meu avô Tito contava muitos casos do Comendador Severino. Era Severino Dias Carneiro. Agora esse Senhor era malvado... Nesse tempo as viagens para Caxias de animal. Comendador Severino, numa destas viagens, tempo de guabiraba, ele foi subir num pé de guabiraba, de botas e nisso caiu e ficou enganchado. Um negro que presenciou correu pra acudir. Quando acudiu que tirou do engancho ele disse: — Agora vira pra cá, eu vou te dá um tiro, pra tu não sair aí dizendo que viu o Comendador trepado que nem guariba. Deu um tiro e o sujeito ficou lá mesmo" (BARROSO, Maria das Graças Saraiva Escravidão e a crise do escravismo no antigo município de Picos – MA. São Luís, 2006, p. 71).

Em visita ao quilombo Soledade, localizado no 3º distrito de Cachias, tivemos uma manhã de conversa com o senhor Antônio Santana, conhecido vulgarmente como “Seu Paca”, morador e membro da Associação dos Agricultores da Agricultura Familiar Quilombola do Povoado Soledade.

Moradias no quilombo Soledade.



Foto: Thalita Souza (2022).

No ano de 2012 a comunidade foi reconhecida pelo FCP como área de remanescentes quilombolas. Seu Antonio nos diz que chegou na comunidade em 1982, e que ali já se trabalhava com a lavoura.

“Trabalhar de roça, a roça chama pé do toco [...] sem ser aquele negócio de aradar [arar a terra]. Nós trabalhava com inverno, só trabalha seis mês porque é o inverno, através do inverno a gente produzia o feijão, o arroz, a melancia comum”

ENTREVISTA: Antonio Santana Andrade da Silva, 60 anos, Quilombo Soledade)

Na tentativa de compreender a história do quilombo Soledade, questionamos o Sr. Antonio sobre os primórdios da localidade. Na resposta, ele nos fala sobre Chico Pinto, um escravizado, que se refugiou na localidade juntamente com sua esposa.

“Chico Pinto, era refugiado dos coronéis, os chamado homens branco, então aqui ele se arranchou. Então na época ele fugiu pra cá e a Soledade era a muié dele [...] então naquela época, nas eras de 1800 [...]”

(ENTREVISTA: Antonio Santana Andrade da Silva, 60 anos, Quilombo Soledade)

Seu paca nos conta que Chico Pinto e sua esposa Soledade começaram a dar abrigo a outros negros que também fugiam das casas grandes, e faziam o cultivo de pequi, caju e o milho da roça e o babaçu, sendo estes dois últimos de enorme valia para os fugitivos.

Senhor Antônio mostrando como se dava o processo de moer milho no pilão.



Foto: Thalita Souza (2022)

“Nós quebra o coco, tirando o bago e faço com o pilão ali como é que amassa o milho, porque hoje ninguém quer [não quer pilar o milho como antigamente] mas nós ainda come, nós pisa no pilão que nem o Chico Pinto e a Soledade faziam”

Quando questionado sobre as manifestações religiosas que tem na comunidade, contou que há o tambor de crioula, a dança do lili, e que o santo festejado na comunidade é Nossa Senhora de Nazaré – a festa ocorre no mês de setembro.

Nos contou ainda que a vivência da economia na comunidade se baseia em pequenas produções de subsistência e que alguns mais velhos que já não aguentam mais o trato com o trabalho braçal, e se mantém com auxílios ou aposentadorias.

A comunidade possui 140 moradores e ele ainda nos revela que o a localização do quilombo é favorável visto está nas proximidades da atual **Reserva Ambiental do Inhamum**

“Porque refugiado ele não fica em área seca ele so procura onde tem agua, então nesse tempo esse brejo [Reserva Ambiental do Inhamun] talvez nem Cachias era Cachias , mas lá como tinha agua , o refugiado quando ta pegado e ele só quer correr onde tem agua pra beber, porque no seco não da pra ficar.”

Nessa fala o Sr. Antonio propõe que durante o processo de fuga dos escravizados se fazia necessário pensar nas benesses do local escolhido para se aquilombar. Se estava afastado o suficiente e se possuía recursos naturais.

A proximidade das terras da Soledade com a Reserva Ambiental do Inhamum, que possui nascentes de rios, frutas nativas e uma flora diversificada, tornou o espaço ainda mais propício para o desenvolvimento do quilombo.

O senhor Antonio nos conta que nos anos de 2006 a 2008 surgiram alguns projetos que colaboraram com o processo de reconhecimento e certificação da área como área de aquilombamento, devido à histórica presença de escravizados na localidade

A comunidade, no ano de 2006 visto estarem buscando serem reconhecidos como espaço quilombola participaram de projetos de melhorias de moradias, até no ano de 2010 foram feitas mais de 50 moradias de alvenaria na comunidade e seu Paca ainda aponta que há descaso por parte de algumas esferas do governo e a insegurança que quilombolas ainda passam mediante ainda tentarem se apossarem de suas terras.

Considerações finais

Buscamos através deste produto educacional enfatizar e refletir acerca da presença de negros africanos na região de Caxias no Maranhão.

O primeiro passo para o reconhecimento desses sujeitos foi inicialmente compreender o espaço histórico em que estavam inseridos. Diante da quase inexistência de produção historiográfica acerca de Caxias no período colonial, se fez necessário nos debruçarmos sobre documentações existentes no Arquivo Histórico Ultramarino e nos inventários do Arquivo do Tribunal de Justiça do Maranhão e nas memórias de quilombolas da região de Caxias, que nos serviram de base para denotar a presença, o reconhecimento e a importância dos africanos para a história local.

O produto educacional aqui apresentado foi construído através de importante conhecimento historiográfico produzido nos meios acadêmicos brasileiros nas últimas duas décadas e que tratam da presença dos escravizados africanos no Brasil e no Maranhão.

O material didático foi planejado com o propósito de ajudar o docente de História do Fundamental II nas aulas que tenham como temática: tráfico negreiro, escravidão e história do Brasil e do Maranhão no período colonial/primeiros anos do Império.

É importante frisar que este material poderá ser utilizado em outros níveis da educação básica, contanto que o mesmo seja adaptado ao nível de ensino destinado, levando sempre em consideração as habilidades e competências exigidas pela BNCC e também ponderando acerca da realidade e necessidades do corpo discente.

Nesse produto apresentamos os dados do tráfico transatlântico de escravizados para América portuguesa e seus efeitos populacionais na construção social da atualidade.

A partir de estudos e dados, constatou-se que a “Vila de Cachias” era uma vila de “homens de cor”, e como tal, agregava escravizados de diversas nações advindas do continente africano, fato este resultado do tráfico de escravizados.

Colocar em destaque dados e evidências que pontue Caxias, uma localidade situada em meio do sertão maranhense, contudo, que esteve presente e ativa no sistema escravista, e percebendo esses indivíduos escravizados como parte da história caxiense, e ainda mais, reconhecer que os mesmos não são coadjuvantes na construção da nossa história, foi o principal fco deste produto educacional.

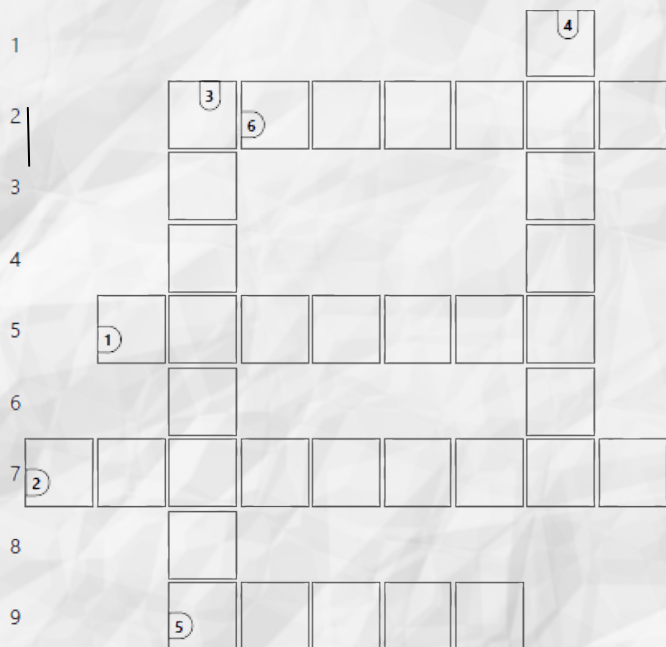


**INDICAÇÕES DE MATERIAIS
E ATIVIDADES SUGERIDAS**

ATIVIDADE 01

A partir do que foi exposto neste material didático acerca da região de Caxias, resolva a cruzadinha abaixo:

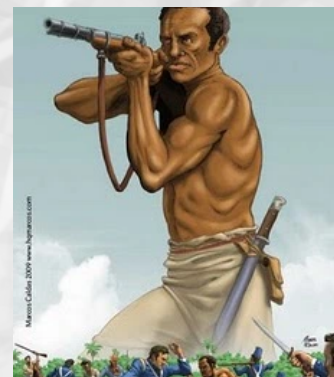
- 1 - Antiga grafia da palavra Caxias
- 2 - Nome do principal rio que passa por Caxias
- 3 - Revolta popular que aconteceu em Caxias no século XIX
- 4 - Nome de um quilombo localizado no território Caxias
- 5 - Principal produto cultivado às margens da Ribeira em Caxias
- 6 - Principal líder da revolta popular que contou com a presença dos escravizados.



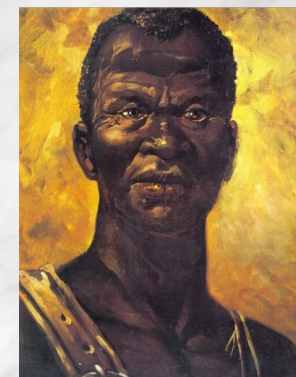
ATIVIDADE 02

Observe as imagens:

Negro Cosme



Zumbi dos Palmares



Temos acima a imagens de dois grandes líderes da luta contra a escravidão negra no Brasil. Descreva as causas e os feitos que os levaram a serem considerados símbolos de resistência para o povo negro.

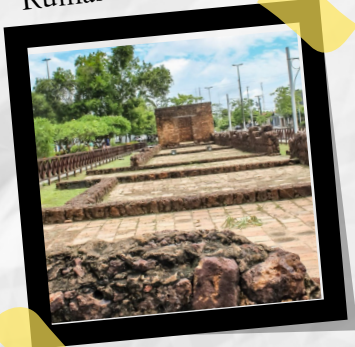
ATIVIDADE 03

Observe o texto e as imagens:

"A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, uma das Igrejas mais antigas que fazem parte do acervo eclesiástico da cidade. A mesma consta de um requerimento de 04 de outubro de 1775, construída pela mão-de-obra escrava, feita de pedra e cal. No período da Balaiada, foi abrigo da Intendência, ao lado direito onde encontra-se uma cruz, havia um pelourinho, que foi retirado na década de 1980. (SOUZA, p. 76, 2016)

"A parte central da cidade já de construções de casarões e igrejas com um padrão arquitetônico mais elaborado, financiado pela riqueza acumulada pela aristocracia agrária, graças a exploração escravista". Ao longo de muitos anos somente as pessoas negras da comunidade frequentavam a igreja."(PESSOA, (2009, pág. 86)

Ruínas da Balaiada



Rio Itapecuru



Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos



Abaixo podemos observar algumas imagens que unem os negros escravizados à história de Caxias. A partir do que foi discutido através deste material didático, produza um pequeno texto acerca da presença dos escravizados africanos e sua importância na formação da sociedade caxiense.



A large rectangular area with a red border and horizontal lines, intended for writing a text.

APRESENTAMOS AQUI ALGUMAS INDICAÇÕES QUE
PODEM CONTRIBUIR PARA MELHOR COMPREENSÃO DO
CONTEÚDO APRESENTADO. DIVIRTAM-SE.



Livros

- Balaiaida – A Guerra do Maranhão (Iramir Araujo – Livro em quadrinho)
- CUMBE (Marcelo D'Saete – Livro em quadrinho)
- História Geral da África Vol I - VIII (Portal do MEC ou UNESCO)
- O que Há de África em Nós – (Wlamyra Albuquerque)



Monografias e Dissertações

- Escravidão e Liberdade: Batismos de livres filhos de cativas entre 1871 e 1876 na Matriz de Santa Rita e Santa Filomena de Codó/MA (MONOGRAFIA – Raimundo Assis da Silva)
- ESCRAVIDÃO NO MARANHÃO: Resistência negra à escravidão na região da ribeira do Itapecuru nas décadas de 1870 a 1888 (MONOGRAFIA – Francineide da Silva Leal Silva)
- Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira: uma análise da aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003 no ensino fundamental II da U.I.M. "Hélio de Sousa Queiroz", em Caxias – MA (DISSERTAÇÃO – Meiriele de Sousa Medeiros)

- O Museu Escola Memorial da Balaiaida e o Ensino de História: identidades, história local e formação de consciências históricas em Caxias/MA (DISSERTAÇÃO – Patricia Silva Santos)



Sites

- Biblioteca Nacional – SlaveTrade – BNDigital (<http://bndigital.bn.br/projetos/escravos/introducao.html>)
- Escravo, nem pensar! (<https://escravonempensar.org.br/>)
- IdentidÁfrica (<https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica>)
- Império do Brasil e a Segunda Escravidão (<http://segundaescravidao.com.br/>)
- Memórias de África e do Oriente (<http://memoria-africa.ua.pt/Home.aspx>)
- Mulheres na história da África (<https://unesdoc.unesco.org/>)
- Porta Geledés (<https://www.geledes.org.br/>)
- Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (<http://novacartografiasocial.com.br/>) – Fascículo 8 Quilombolas de Caxias do Maranhão



Vídeos e Filmes

- A rota do escravo – a alma da resistência
- Menino 23: infâncias perdidas no Brasil
- Uma história de amor e fúria
- Zarafa

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe. “Memórias da Balaiada. Introdução ao relato de Gonçalves de Magalhães”. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 23, março/1998.

ASSUNÇÃO, M. R. Histórias do Balaio: historiografia, memorial oral e as origens da Balaiada. História Oral, [S. l.], v. 1, 2009. DOI: 10.51880/ho.v1i0.94. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/94>. Acesso em: 24 maio. 2022

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda Negra, Medo Branco. O negro no Imaginário das Elites, século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARROSO JUNIOR, Reinaldo dos Santos. Nas rotas do atlântico equatorial: tráfico de escravos rizicultores da Alta-Guiné para o Maranhão (1770-1800). 2009. 122 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BARROSO, Maria das Graças Saraiva. Escravidão e a crise do escravismo no antigo município de Picos - MA. São Luís, 2006

BOTELHO, Jean. Conhecendo debatendo a história do Maranhão. São Luís: Fort Gráfica. 2007.

CABRAL, Maria do Socorro Cabral Coelho (ano). Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão. 2ª ed. São Paulo: Edufma, 2008.

CAMPOS, Marize Helena de. Senhoras Donas: economia, povoamento e vida material em terras maranhenses (1755 - 1822). 2008. 464 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

CHAMBOULEYRON, Rafael. Escravos do Atlântico Equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, V.26, n° 52, p. 79-114. 2006

COSTA E SILVA, Alberto. A enxada e a lança: A África antes dos portugueses. RJ: Nova Fronteira, 2006.

COUTINHO, M. Cachias das Aldeias Altas: subsídios para uma história. 2. ed. Prefeitura de Cachias, São Luís, 2005.

FRAGOSO, João et al. A economia colonial brasileira: (séculos XVI-XIX). [S.l.]: Atual, 200

GAIOSO, Raimundo José de Sousa. Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão. Pariz: P.N. Rougeron, Impressor, 1818

GALVES, Marcelo Cheche. "Homens de cor" no processo de independência da província do Maranhão. **Associação Nacional de História - ANPUH. XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** - São Leopoldo, 2007.

GALVES, Marcelo Cheche. O Maranhão nas primeiras décadas do Oitocentos: condições para a eclosão da Balaiada. **Almanak**, v. 15, 2017.

GOMES, Flávio dos Santos. A Hidra e os pântanos: mocambos e quilombos no Brasil (séculos XVII a XIX). São Paulo: Editora Unesp; 1ª ed., 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. Africanos e crioulos no campesinato negro no Maranhão oitocentista. Revista Outros Tempos. V.8, n.11, 2011.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **A Balaiada**. São Paulo: Brasiliense, 1987

LAGO, Antonio Bernardino Pereira do. (1822) Estatística histórico-geográfica da Província do Maranhão. São Paulo: Siciliano, 2001

LIMA, Carlos de. História do Maranhão a colônia. 2. ed. São Luis: Instituto Geia, 2006

MATOZINHOS PORFÍRIO, Fernando; FELIPE MAGNAGO BLUM, Luiz; STEIN SILVA, Ruth. OS LUCROS DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL E SEU IMPACTO ECONÔMICO: Uma abordagem histórica dos séculos XVI ao XIX. Revista Pet Economia Ufes., Espírito Santo, v. 2, p. 32 - 45, Agosto 2021.

MOTA, Antonia da Silva. A Dinâmica colonial portuguesa e as redes de poder local na Capitania do Maranhão. 2007. 188 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós - Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007.

MOURA, Clóvis. Quilombos, resistência ao escravismo. 3 ed. São Paulo: editora Ática, 1993.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. Fascículo 8 Quilombolas de Cachias do Maranhão Cachias, maio de 2006

.

PESSOA, Jordânia Maria. **Entre a tradição e a modernidade a Belle Époque caxiense: práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX**. Imperatriz: Ética, 2009.

PTDRS: PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL. Território Cacaís. São Luís - MA, 2010. Disponível em http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio034.pdf. Acesso em 16 de abril de 2022

RUSSELL-WOOD, A. J. R. Escravos libertos no Brasil Colonial. Tradução de XVII - XIX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAMPAIO, Francisco Coelho. Estado do Maranhão, 4º ou 5º ano: volume único: livro regional - 1.ed. - São Paulo: Scipione, 2014.

SOUZA, J. B. Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em Cachias - ma. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016

SOUZA, Thalita Costa. DOS RIOS de Sena e Moçambique para o Itapecuru: tráfico de escravos de etnia moçambicana para a ribeira do Itapecuru no Maranhão (1777 a 1822). 61 p. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual do Maranhão, Cachias - MA, 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Centro de Ciências Agrárias. Núcleo Geoambiental. Bacias hidrográficas e climatologia no Maranhão. São Luís, 2016.

Glossário

- **COMPANHIA DO COMÉRCIO DO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO** - Criada por Marquês de Pombal (1699 - 1782) secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I. A Companhia tinha como objetivo desenvolver atividades agrícolas e comerciais. Entre os anos de 1755 a 1775 monopolizou todo o comércio de escravizados africanos nas regiões do Maranhão, Piauí, Pará e Amazonas. Era uma Companhia riquíssima, possuía frotas de navios, incluindo embarcações de guerra. Durante sua existência os cultivos do arroz e algodão foram grandemente incentivados.
- **ESCRAVIZADOS** – Neste material nos preocupamos em utilizar sempre o termo escravizado e isso ocorreu devido a diferença de sentido entre “escravo” e “escravizado”. O primeiro remete a algo natural, como se o ser já nascesse nesta condição; o segundo já aponta para algo que foi imposto.
- **ESTADO DO GRÃO- PARÁ E MARANHÃO** – O atual estado do Maranhão, em seus primórdios já recebeu várias denominações. Entre os anos de 1751 a 1772, é dado o nome de Estado do Grão- Pará e Maranhão, a sede deixa de ser São Luís e é transferida para Belém. Neste período o território da unidade federativa englobava os atuais espaços geográficos do Piauí, Maranhão Para e São José do Rio Negro (Amazonas).
- **INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária é uma autarquia federal da Administração Pública brasileira. Foi criado pelo decreto nº 1 110, de 9 de julho de 1970, com a missão prioritária de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União. Por força do Decreto nº 4.887, de 2003, o Incra é a autarquia competente, na esfera federal, pela titulação dos territórios quilombolas. As terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos são aquelas utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. Como parte de uma reparação histórica, a política de regularização fundiária de Territórios Quilombolas é de suma importância para a dignidade e garantia da continuidade desses grupos étnicos.

- **MOCAMBOS** – Segundo Flávio Gomes, no Brasil desde as primeiras décadas da colonização, os mocambos eram comunidades formadas por africanos escravizados, tais comunidades ficaram conhecidas primeiramente com a denominação mocambos e depois quilombos. Eram termos da África Central usados para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerra ou mesmo apresamento de escravizados[...] Os quilombos e mocambos se formavam quase sempre a partir dos escravos fugitivos. Dos canaviais e engenhos do Nordeste surgem as primeiras notícias de fuga de escravos e a constituição deles em comunidades. Data de 1575 o primeiro registro de um mocambo, formado na Bahia (GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015 p.10 e 12).
- **QUILOMBO DOS PALMARES** – Um dos mais famosos quilombos que se tem registro no Brasil, considerado também o maior da América Latina, localizado no atual estado de Alagoas, símbolo e resistência contra o sistema escravista no Brasil. Há estudos que apontam que o quilombo chegou a ter aproximadamente 20 mil habitantes e se manteve atuantes por mais de 100 anos. Dentre os líderes que tivera, Zumbi dos Palmares é mais conhecido dentro da historiografia.
- **RESERVA AMBIENTAL DO INHAMUM** – Em 4 de julho de 2001, através da Lei Nº 1.146, a Área de Proteção Ambiental do Inhamum passa a ser considerada Patrimônio Municipal de Caxias. Localizada a 2mk de distância do perímetro urbano de Caxias na MA- 027, estrada que liga o município a cidade de São João do Sóter, possuía uma área de aproximadamente 4.500 hectares. Lá se encontra nascentes de rios, uma fauna e flora diversificada. Além de espaço de visitação é também amplamente visitado por pesquisadores.
- **RIBEIRA DO ITAPECURU**– O rio Itapecuru é genuinamente maranhense, nasce no sul do estado, na cidade de Serra Crueiras e seu curso passa por 58 municípios. De acordo com o relatório do Núcleo Geoambiental – NUGEO/UEMA (2016), a Bacia Hidrográfica do Itapecuru possui uma área de 53.216,84 km, isso perfaz o equivalente a 16,03% de toda a área do Estado do Maranhão, sendo assim a segunda maior bacia hidrográfica de domínio estadual.



Thalita Costa Souza, natural de Caxias – MA. Graduada em História pelo Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC campus da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF. Mestre em História pelo Programa de Pós – Graduação em História – PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão.

THALITA COSTA SOUZA

